

# O Tema Gerador Segundo Freire: base para a interdisciplinaridade

Jaime José Zitkoski<sup>1</sup>

Raquel karpinski Lemes<sup>2</sup>

## RESUMO

O trabalho discute o conceito freireano do *Tema Gerador* com o objetivo de analisar a importância do mesmo para a educação superior numa perspectiva interdisciplinar enquanto caminho para desenvolver a ciência e as profissões na busca da emancipação humana e social. A proposta freireana do *Tema Gerador* pretende ser coerente com uma nova forma de conceber o conhecimento e a formação humana. Para Freire, uma educação humanizadora requer cultivar o *conhecimento* de forma *interdisciplinar* articulando dialeticamente a experiência da vida prática com a sistematização rigorosa e crítica. É a partir dessa perspectiva que Freire propõe a discussão do *Tema Gerador* em sua fundamentação dialógica e radicalmente comprometida com a troca de saberes num círculo de cultura. A partir da radicalidade intersubjetiva intrínseca à construção e reelaboração do conhecimento, a epistemologia freireana oferece desdobramentos fecundos para a pesquisa nas ciências e, principalmente, para as discussões pedagógicas que visam a refletir a formação do ser humano levando em conta os desafios da reflexão e inserção crítica na realidade.

**Palavras-Chave:** Interdisciplinaridade; Tema Gerador; Paulo Freire.

## 1 – O Conhecimento Como Uma Produção Intersubjetiva

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Educação na Faced/UFRGS. Orientador de Dissertações e Teses no PPGEDU-UFRGS.

<sup>2</sup> Mestranda no PPGEDU da UFRGS, orientanda do Prof. Jaime José Zitkoski.

O princípio freireano de que o conhecimento não é um ato solipsista, mas se situa, por sua própria natureza, em um conjunto de relações socioculturais fundamentadas em um mundo partilhado intersubjetivamente provoca, simultaneamente, uma reviravolta nas concepções tradicionais de ciência, de pesquisa e na forma de conceber e praticar a educação escolar.

Vê-se assim que a busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente - objeto cognoscível, rompendo a 'estrutura dialógica' do conhecimento, está equivocada, por maior que seja a sua tradição. Equivocada também está a concepção segundo a qual o que fazer educativo é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber (FREIRE, 1992, p.68).

A ruptura com o paradigma do *disciplinamento do saber* articula-se coerentemente com a superação da noção de consciência compartimentada (que passivamente armazenaria o mundo dentro de si), por uma noção de consciência enquanto *corpo consciente* que, em sua estrutura intencional essencialmente ativa, está em um constante tensionamento com o mundo.

A educação que Freire denomina de *bancária* concebendo uma falsa visão de ser humano ao dicotomizar consciência-mundo e entender a consciência como algo espacializado no ser humano, entende como normal e verdadeira a transmissão passiva do conhecimento por um sujeito que sabe (professor) para os outros que não sabem (alunos). É através dessas concepções e práticas bancárias que se reproduz o disciplinamento do conhecimento. São práticas que requerem a conservação das "verdades" e não a produção de novas verdades, o controle da reflexão crítica pela censura e/ou desmobilização do questionamento problematizador, dialético e dialógico.

No entanto, o resultado dessas práticas bancárias da educação (considerando-a no sentido mais amplo de formação humana) é um grande equívoco para a vida humana em sua radical exigência epistemológica da permanente construção e reconstrução do saber pela inserção crítica de todos os sujeitos envolvidos no processo. Na forma tradicional de reproduzir os conhecimentos válidos e arquivá-los para transmitir às novas gerações, ocorre a morte do verdadeiro saber e do próprio sentido da *busca curiosa* da consciência intencional do ser mais, que é intrínseca à natureza humana. Portanto, nesse processo,

os grandes arquivados são os homens(...) porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nessa distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1993, p.58).

As consequências desse *processo bancário* no modo de desenvolver a educação não afetam apenas as práticas pedagógicas mais restritas de salas de aula. Ao contrário, estendem suas raízes à própria cultura sócio-histórica, reproduzindo-se, assim, no campo político, econômico, social e, principalmente, na elaboração do conhecimento sistemático materializado nas tradições das pesquisas acadêmicas. Essa cultura se estende dos bancos universitários até ao modo de exercer as profissões e prestar os serviços para a sociedade.

Por tais razões, a proposta de Freire exige uma ruptura com os paradigmas tradicionais, que deram sustentação às revoluções científicas modernas a partir de uma fundamentação mecanicista e determinista do universo. A modernidade perseguiu incansavelmente o *mito* do progresso científico e técnico (SANTOS, 1993) a partir das concepções de que o universo é uma máquina regida por leis perfeitas e instáveis e de que o sujeito humano é capaz de *descobrir* tais leis pela pesquisa e elaboração científica. As *disciplinas* passam a ser uma consequência da verticalização do conhecimento que, para aprofundar-se na explicação das causas dos fenômenos e descobrir as leis que regem cada *parte* do Universo, fragmenta a explicação da realidade em áreas e campos cada vez mais restritos e delimitados (ZITKOSKI, 1996).

Na lógica das *especializações científicas*, que ainda hoje predominam na formação universitária ancoradas no tradicional dualismo sujeito-objeto, o mundo é representado como um *espelho quebrado* a partir do qual cada pedaço representa uma ciência particular que busca refletir a realidade da *parte do mundo* que lhe é de direito. Entretanto, os equívocos desse modelo científico reproduzem uma verdadeira opressão e desumanização sociocultural que é visível nas relações práticas da nossa vida em sociedade.

Alguns exemplos mais comuns da tradição universitária, que podemos trazer para a discussão dessa realidade, referem-se tanto às questões pedagógicas, quanto às

relações humanas, profissionais, políticas e sociais decorrentes do conservadorismo da pedagogia bancária ainda reinante hoje no ensino superior, tais como:

- o *fazer comunicados* aos alunos a partir do *conteúdo da disciplina* sem relacionar com a vida concreta dos mesmos, sem discutir os problemas da realidade social e sem ligar um tema com outro;

- o domínio da *tecnocracia*, do saber neutro, dos profissionais (técnicos) que não se esforçam em descer ao nível da linguagem dos saberes populares para trabalhar com o povo, reproduzindo, assim, a ditadura do saber científico-técnico sem a necessária contextualização do mesmo;

- a fragmentação das disciplinas nos currículos escolares, que separam, dividem e arquivam o conhecimento negando, assim a dinâmica e a riqueza da realidade humana e social;

Essas práticas de uma pedagogia conservadora colocam os educandos cada vez mais distante das reais necessidades do que seja uma formação cidadã e qualificada para se inserirem como sujeitos proativos no mundo contemporâneo. É uma pobreza para a sociedade civil no processo de construção da verdadeira cidadania, que requer a participação de todos nas decisões sobre a coisa pública, bem como na fiscalização dos órgãos executores dos serviços públicos.

São muitas as práticas que decorrem da compartimentalização do conhecimento e reproduzem a dualidade entre seres humanos considerados sujeitos (os que sabem e, portanto, “têm autoridade” para transmitir aos outros) e pessoas tratadas como objetos passivos que ignoram e, por isso mesmo, devem receber o saber de quem o possui. Esse é o modelo sociocultural enraizado numa visão epistemológica egocêntrica, autoritária e grosseiramente equivocada em seus fundamentos filosófico-científicos. A menção de alguns exemplos acima relacionados apenas aponta para os graves equívocos epistemológicos que estão ainda hoje na base de sustentação de grande parte das produções culturais sistemáticas como, por exemplo, as teorias científicas e o domínio da tecnocracia que hoje impera no mundo.

Se nos detivéssemos mais profundamente no âmbito da análise sobre quais são os fundamentos filosófico-científicos que dão sustentação às práticas majoritárias na produção cultural contemporânea e, igualmente, que inspiram as relações sócio-políticas das sociedades ocidentais, certamente nos espantaríamos com o peso de uma visão epistemológica *empirista*, ou até mesmo *inatista*, mesmo que cientificamente estas teorias já estejam superadas (BECKER,1993).

## **2 - O Tema Gerador como metodologia na produção de um saber interdisciplinar**

Freire propõe uma alternativa radicalmente nova para tratar a questão do conhecimento e do processo educativo que também está diretamente ligado com o problema epistemológico. A novidade freireana reside na elaboração de uma metodologia coerente para desencadear o processo de construção do conhecimento. É para esse fim que Freire propõe o *Tema Gerador* como superação, tanto do dualismo sujeito-objeto, quanto da fragmentação do saber decorrente do paradigma científico moderno que, por causa da verticalização do saber, produziu uma ciência necrófila, sem vida e distante das demandas existenciais da humanidade.

A construção de uma *racionalidade dialógica* é possível a partir de um trabalho sociocultural que tem por base a metodologia dos *Temas Geradores*. Por este motivo é que sustentamos a fundamentação em Freire de uma forma revolucionária de trabalhar o conhecimento, porque sua proposta articula a dimensão epistemológica da existência humana com a totalidade da vida em sociedade - as dimensões política, ética, antropológica, entre outras. Ou, como nos coloca Andreola,

Freire não adota uma concepção intelectualista, ou racionalista do conhecimento. O conhecimento engloba a totalidade da experiência humana. O ponto de partida é a experiência concreta do indivíduo, em seu grupo ou sua comunidade. Esta experiência se expressa através do universo verbal e do universo temático do grupo. As palavras e os temas mais significativos deste universo são escolhidos como material para (...) a elaboração do novo conhecimento, partindo da problematização da realidade vivida” (ANDREOLA, 1993, p. 33).

Os *Temas Geradores* na proposta de Freire representam a coerência prática de sua visão epistemológica, porque é a partir dessa categoria que Freire dá corpo e

concretude prática à sua tese de que o conhecimento não pode fechar-se na mera relação solipsista entre sujeito e objeto. Ao contrário, a natureza do processo de construção do conhecimento implica a relação dialógica, a comunicação e o debate intersubjetivo que alimenta a produção dos sentidos que vivificam e recriam os saberes a partir de trocas e complementação dos sentidos já constituídos. Mas, além disso, essa proposta inovadora implica tencionar os diferentes tipos de saberes que tradicionalmente foram dicotomizados e, grande parte deles até mesmo pré-concebidos como “insignificantes”, “inúteis” ou “pouco válidos” para o “verdadeiro saber” da ciência.

Um dos aspectos mais originais da proposta do *Tema Gerador* é sua radicalidade dialógico-intersubjetiva a partir da qual não há separação entre seres humanos sábios e ignorantes. Freire desmascara, uma vez por todas, o pedantismo de uma cultura elitista que está na origem dos formalismos científicos e hoje prolifera na tecnocracia necrófila e opressora que classifica a sociedade entre os “donos do saber” e as “tábula rasa” enquanto recipientes vazios que devem receber o saber dos outros.

O *tema gerador* impulsiona a troca de saber através do diálogo que respeita as diferenças de cada sujeito cognoscente em suas visões de mundo próprias. O objetivo dessa proposta é a superação de uma visão de mundo ingênuo para uma consciência crítica (mais objetiva) que se assume como sujeito responsável diante da realidade sócio-histórica comum a todos.

Enquanto na concepção ‘bancária’(...) o educador vai ‘enchendo’ os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos; na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com eles não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1993, p. 71).

Qual seria a diferença essencial na fundamentação da *pedagogia bancária* para a *problematizadora*, do saber autoritário e alienante para o saber libertador/conscientizador; de uma ciência necrófila ( que atrofia o potencial do verdadeiro saber) para sua ciência biófila (criativa, que dinamize o saber que brota do mundo da vida com os procedimentos crítico-metodológicos)? Por que a proposta epistemológica de Freire pode ser considerada revolucionária?

O fundamento radicalmente novo da pedagogia freireana em seu âmbito epistemológico é a visão dialetizante do processo de construção do conhecimento. Seu ponto de partida é que todo e qualquer ser humano é detentor de conhecimentos significativos, não importa sua idade, meio social, grau de escolaridade, posição político-econômica, ou outras diferenças reais. O conhecimento consiste no conjunto de saberes que formam a visão de mundo de cada sujeito cognoscente. Mas essa visão de mundo não se constitui de modo solipsista e nem pode ser entendida de forma estática, fixa, ou sem contradições.

Então, o conjunto de saberes, que estão presentificados na consciência de cada ser humano, constituem a síntese do conhecimento próprio que cada um constitui. No entanto, esse processo não se dá de forma isolada, mas a partir das trocas que ocorrem no cotidiano da vida em sociedade, ou em processos formais de escolarização, cursos, estudos, pesquisas e outros momentos que constituem a permanente produção-socialização-recriação do conhecimento.

O papel do *tema gerador* é tensionar entre o saber já construído por cada sujeito com o saber em processo de construção intersubjetiva a partir da discussão em grupo. Através da exposição do que cada um já sabe - do seu nível de compreensão da realidade constitutivo de um mundo intersubjetivamente partilhado - é possível desencadear a discussão problematizadora que, explicitando as diferenças de visão de mundo e as contradições intrínsecas à produção da realidade social, gera novos níveis de consciência/conhecimento da realidade problematizada, oportunizando, a cada sujeito, a ressignificação de sua visão de mundo.

A investigação dos *temas geradores*, no conjunto da sociedade, deve partir da análise sobre a relação pensamento-linguagem da população com que está sendo realizado o trabalho procurando ver as contradições que tal relação revela, as percepções que se expressam aí e a visão de mundo embutida na linguagem manifesta. Contudo, é importante ressaltar que:

Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione ao mesmo tempo a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos” (FREIRE, 1993, p. 87).

No terceiro capítulo da *Pedagogia do Oprimido*, Freire desenvolve sistematicamente uma metodologia do *tema gerador* expondo as várias etapas necessárias para atingir um trabalho verdadeiramente dialógico e conscientizador junto ao povo e/ou às populações com quem se quer trabalhar uma educação libertadora. O primeiro passo é a pesquisa do vocabulário cotidiano das pessoas, famílias e grupos constitutivos do universo em questão. A fala revela os sentidos, a visão de mundo, os saberes e aponta para as contradições sociais implícitas na realidade cotidiana.

Um aspecto importante nesse começo de trabalho é o fato de que a pesquisa do *universo vocabular* requer uma equipe de pesquisadores de diferentes áreas para que ocorra de fato a visão interdisciplinar integradora de toda a realidade e não apenas recortes parciais da mesma. O ponto de partida da epistemologia freireana é ele mesmo interdisciplinar, e não apenas sugere, no meio do processo, uma estratégia que conserte os erros ou falhas provocadas por métodos verticalizantes e, por essência, fragmentadores da produção do conhecimento. Na proposta de Freire não há remendos, à semelhança de outras visões que concebem a interdisciplinariedade a partir da justaposição das disciplinas isoladas. Ao contrário, a metodologia dos *Temas Geradores* é ela mesma originariamente interdisciplinar, alimentada pela essencial *dialogicidade* que dialetiza a produção do conhecimento desde a suas raízes mais originárias (ANDREOLA, 1993).

Os passos seguintes da *metodologia do Tema Gerador* (FREIRE, 1993) fundam essa radicalidade do ponto de partida essencialmente dialógico com o objetivo de sistematizar o conhecimento que brota do *mundo vivido* das comunidades epistêmicas. O processo de construção e reconstrução do conhecimento requer a constante dialetização entre saber empírico (popular) e saber sistemático (científico) para que seja possível atingir a consciência crítica. As visões de mundo parciais, que brotam do cotidiano de cada sujeito, devem ser alargadas e resinificadas a partir das rupturas com os níveis da consciência mágica e ingênua e da estruturação de uma consciência reflexivamente dialética e problematizadora.

A problematização do mundo através da *metodologia do Tema Gerador* visa a oportunizar, nesse sentido, a construção de um conhecimento inovador, capaz de captar o dinamismo da realidade e as transformações intrínsecas ao processo dialético da



relação *consciência-mundo*. Nesse processo, o conhecimento se faz e refaz constantemente através da inserção crítica do ser humano no mundo. O desafio da efetiva práxis transformadora da realidade requer a coerência entre teoria e prática, reflexão e ação, desencadeada pelo processo dialógico e pelo debate problematizador do mundo intersubjetivamente construído.

O papel do educador na problematização e dialetização do conhecimento é desafiar seus educandos para o cultivo de uma postura essencialmente dialógica e crítica diante do mundo. Essa postura requer o compromisso do ser humano em assumir-se enquanto ser *epistemologicamente curioso* diante dos fatos, realidades e fenômenos constitutivos de seu próprio mundo a partir do qual deverá cultivar sua curiosidade enquanto uma atitude metódica - que supere a espontaneidade que lhe é natural.

### **3 – Considerações finais**

Como argumentamos ao longo do texto, são várias as razões para a pedagogia freireana propor o *Tema Gerador* enquanto metodologia inovadora, que estimula a curiosidade, provoca o debate, prioriza a problematização dos saberes já constituídos histórica e socialmente pelos seres humanos situados em um mundo concreto, conflituoso e contraditório. A *Pedagogia da Pergunta* (FREIRE e FAUNDES, 1985) está coerentemente articulada com o conjunto das teses freireanas que, no seu conjunto, constituem uma proposta radical de humanização da sociedade, da cultura e das pessoas em suas existências concretas.

A pedagogia freireana, concebe como sinônimos *educação-conscientização-humanização*. Portanto, mais educado é o ser humano que, em constante processo de intersubjetivação de sua consciência, vai alargando os horizontes de sua visão de mundo a partir da qual é capaz de entender as razões dos fenômenos que o cercam e, além disso, comprometer-se de modo corajoso e esperançoso com a transformação da realidade constitutiva de nosso mundo. O nível da consciência crítica é o que corresponde aos objetivos da educação problematizadora/libertadora. Mas esse nível só é possível a partir do processo dialético e dialógico da busca permanente de

reelaboração do conhecimento e transformação ético-política da realidade histórico-cultural - processo que é, por sua própria natureza, algo coletivo, social, de interação intersubjetiva das consciências e não acontece espontaneamente, sem planejamento intencional, ou intervenção educativo-formativa das consciências humanas.

### **Referências:**

ANDREOLA, Balduino A. **O Processo do Conhecimento em Paulo Freire.** *Educação e Realidade*, Vol.18, nº1, p. 32-45, jan-jul/1993.

BECKER, Fernando. **Da ação à operação: O caminho da aprendizagem em Piaget e Freire.** Porto Alegre : Palmarinca, 1993 .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e terra, 1993.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_ e FAUNDES. **Pedagogia da Pergunta.** São Paulo: Paz e terra, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso Sobre as Ciências.** Porto: Ed. Afrontamento, 1993.

ZITKOSKI, Jaime José. **Visões Epistemológicas da Ciência.** *In Caderno Pedagógico.* Ano VI, nº 11 e 12, URI, Frederico Westphalen, 1996.